

Eleições em Brasília

13 AGO 1986

O Brasil viveu vinte anos de autoritarismo, obscurantismo e censura. Foi toda a sociedade brasileira que sofreu, que não pôde manifestar suas aspirações, seus anseios e defender suas reivindicações. Em todo este período a antecâmara dominava, os grupos de pressão se organizavam e usufruiam de benefícios que, quando não eram ilegítimos, eram pelo menos indecorosos. Esta realidade está se modificando desde a implantação da Nova República, desde que o presidente Sarney assumiu.

Os quadros políticos foram enxovalhados, foram reduzidos a meros elementos de «legitimização» quer como situacionistas quer como oposição. Migalhas de poder eram atribuídas aos políticos situacionistas e a chibata ameaçava permanentemente os oposicionistas. Aplicava-se no Brasil uma política em que a ameaça se alternava com o aceno de pequenos favores. O que se procurava era aviltar os representantes populares para que o arbítrio se legitimasse pela ausência de alternativas.

Dentro deste quadro, Brasília apresentava uma situação ainda mais desfavorável. Seus cidadãos não tinham voz, não se pronunciavam a não ser nas antecâmaras em que a corrupção não era exceção. Sem representação, sem direito à autonomia os brasilienses eram condenados a meros suportes de grupos de pressão. Viviam o papel humilhante de serem os portadores das reivindicações, muitas vezes ilegítimas de grupos que nada tinham a ver com seus destinos.

Hoje estamos voltando à democracia,

hoje estamos sendo chamados pela primeira vez a escolher nossos representantes. Este fato inédito é importante, mas traz consigo implicações específicas. Brasília não tem um passado político-democrático.

No resto do Brasil, mal ou bem a democracia já imperou. Em Brasília não. No resto do Brasil a legitimidade da representação popular foi violada. Interesses momentâneos determinaram reordenações das forças políticas que violavam a lógica da sociedade. Não se reconhecia a legitimidade da existência de interesses divergentes, se agrupavam as forças políticas de forma arbitrária. Tudo isto tem consequências. Todos esperam que a democracia venha a alterar o quadro político e a permitir a formação de partidos mais coerentes, senão mais homogêneos. Esta expectativa é generalizada.

Brasília vive uma situação ainda pior: não se pode reconhecer as verdadeiras lideranças. Não existem entre nós líderes políticos confirmados, não existem forças politicamente ancoradas em nosso eleitorado. De certa forma nos encontramos, em Brasília, numa situação semelhante à vivida pelo Brasil no fim do período Vargas: a tendência é a de que se afirmem na política as notoriedades de outros domínios. Para que isto não ocorra é indispensável que o eleitorado de Brasília tenha a chance de escolher numa gama mais larga de candidatos os seus verdadeiros representantes. A emenda que amplia o número de candidatos por partidos se justifica pela situação específica de nossa unidade federada.